



## Veredas atemática

Volume 17 nº 2 - 2013

---

### **A manipulação do tópico discursivo por sujeitos afásicos em situações conversacionais**

Caio César Costa Ribeiro Mira (UNIANCHIETA)

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar um fragmento de episódio conversacional entre sujeitos afásicos e não afásicos a fim de demonstrar que os sujeitos afásicos possuem a capacidade de reconhecer e participar das formas de desenvolvimento do tópico discursivo durante a conversa. Para alcançarmos tal objetivo, a abordagem teórica do trabalho está baseada no arcabouço teórico-metodológico da Linguística Textual, especialmente nos estudos da vertente textual-interativa desse campo. Os resultados de nossa análise demonstram que os sujeitos afásicos interagem de forma semelhante aos sujeitos não afásicos em situações conversacionais concretas, contribuindo textual e pragmaticamente para o desenvolvimento do tópico discursivo.

Palavras-chave: afasia; conversa; interação; tópico.

### **Introdução**

As afasias são, fundamentalmente, sequelas de um acidente vascular cerebral, de traumatismos cranianos ou de tumores cerebrais que afetam sensivelmente a linguagem em seus vários níveis de constituição e processamento. As afasias podem afetar as formas de articulação e produção dos segmentos fonético-fonológicos, a capacidade de ordenar sintaticamente os elementos dos enunciados, a seleção de itens lexicais em situações comunicativas, os processos semânticos de compreensão e produção (JAKOBSON, 1954; LURIA, 1976, 1981).

No entanto, a definição acima reduz e, ao mesmo tempo, simplifica as consequências que o fenômeno afásico pode acarretar tanto no plano linguístico, quanto no interacional. Reduz e simplifica porque a questão das afasias não está somente circunscrita nos domínios das alterações estruturais da linguagem humana. Esta definição simplificadora reduz as

afasias sob um único invólucro: o das patologias da linguagem cujos traços ou características de disfluência e dificuldade metalinguística seriam uma espécie de excrescência em relação às situações normais e correntes da linguagem em contextos de uso.

A concepção tradicional das afasias tem se servido de uma forte idealização de linguagem normal, sendo os testes metalinguísticos e descontextualizados o terreno propício para a consolidação de uma tradição patológica e normativa no campo da Afasiologia. Nesse contexto, as manifestações afásicas em nada teriam a ver com processos que também ocorrem na linguagem não patológica; além disso, são diagnosticadas a partir de testes de base estruturalista e normativa que têm o pressuposto de que elas são, essencialmente, um problema da ordem de uma metalinguagem estrita, ou seja, um problema de reconhecimento das estruturas e das propriedades da língua tomada como um sistema fechado em si mesmo. (MORATO, 2001).

Conceber as afasias como um problema de metalinguagem e de perda da capacidade de reflexão do uso da linguagem instiga-nos a refletir a respeito da seguinte questão: as afasias podem ser apenas um problema de ordem metalinguística? Ao tentarmos responder tal questão, é possível nos depararmos com outra provavelmente mais instigante: os sujeitos afásicos seriam capazes de refletir e manipular o tópico discursivo em uma situação conversacional?

Para analisarmos o uso da linguagem afásica na conversa, primeiramente é necessário considerar as outras implicações das afasias, que vão além da definição de um problema de metalinguagem no sentido de perda de capacidade realizar operações metalinguísticas (JAKOBSON, 1954; LEBRUN, 1981). A afasia desestabiliza cognitivamente e descaracteriza justamente a capacidade de comunicação, de utilizar um sistema simbólico, verbal e não-verbal, para veicular sentidos e organizar-se socialmente e, conseqüentemente, de manter e incrementar seus diversos vínculos sociais constituídos ao longo da vida.

Diante dos impactos de ordem cognitiva e social desencadeados pelas afasias, o objetivo do presente trabalho é analisar um fragmento de um episódio conversacional para demonstrar que os sujeitos afásicos possuem a capacidade de reconhecer e participar das formas de desenvolvimento do tópico discursivo durante a conversa.

## **1. A conversa: o domínio empírico das práticas de linguagem**

O domínio empírico deste trabalho é a interação, especificamente a conversa face a face, que constitui o cenário básico da aquisição e do uso da linguagem humana (CLARK, 1996). A conversa face a face estabelece e configura “o uso básico e primordial da linguagem, e a melhor descrição para todos os outros usos vem a ser em termos do modo como eles se desviam daquela base” (FILMORE, 1991, *apud*, CLARK, 2000, p.53). É no interior desse domínio empírico que será desenvolvida nossa análise que terá como escopo uma das categorias nucleares que sustentam a conversa face a face: o tópico discursivo.

Vale ressaltar que a conversa ocorre no interior de quadros sociais mais explícitos que, ao mesmo tempo, dão forma e conteúdo às ações comunicativas. Partindo dessa premissa, a conversa no âmbito desse trabalho é tomada como uma ação interativa centrada em pelos menos dois interlocutores. Durante a conversa, há a cooperação mínima para a coerência e sequencialidade do evento comunicativo. Dessa forma, fatores sociais, cognitivos, contextuais e linguísticos entram em jogo para que haja uma interação bem sucedida (MARCUSCHI, 1988).

Essa definição situa a conversa em um terreno mais amplo, onde a simetria das trocas conversacionais cede espaço à realização de eventos comunicativos, que, por sua vez,

ocorrem em função de condições cognitivas, contextuais, sociais e linguísticas essenciais para uma interação. No domínio empírico de nossa análise, isto é, a conversa, inúmeros elementos estão simultaneamente partilhados e coconstruídos pelos interactantes. As regras que duas ou mais pessoas partilham são reconhecidas prontamente e, nesse processamento *on line*, desenvolve-se a construção conjunta de sentidos. São inúmeros elementos que entram em jogo no ato cotidiano de conversar. Dentre essa constelação de elementos que permitem o entrosamento comunicativo, elegemos o tópico discursivo. Os fenômenos relacionados à manutenção, progressão, organização e estabelecimento do tópico são o fio condutor da organização discursiva da conversa (MARCUSCHI, 1998).

A topicalidade manifesta-se como o grande fio condutor da atividade discursiva que organiza a aparente fragmentação da fala. A noção de tópico desempenha um papel fundamental na organização da conversa, o fenômeno prototípico do uso da linguagem. Se, conforme assinala Marcuschi (1998, p.7), a conversa “é o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais”, as práticas conversacionais entre sujeitos afásicos e não afásicos podem constituir um *locus* privilegiado tanto para a análise da conversa e da sua natureza linguístico-discursiva, quanto, também, para a observação dos fenômenos sociocognitivos imbricados no entendimento das relações entre linguagem e cognição. Sendo delimitado nesse trabalho o domínio empírico exposto acima, abordaremos na próxima seção a noção de tópico discursivo como uma categoria analítica.

### 1.1. O tópico discursivo

A concepção da noção do tópico, calcada inicialmente no âmbito gramatical da frase, passando para a abordagem funcionalista e posteriormente para o domínio discursivo, aponta para delimitação da *forma* do tópico ou, melhor dizendo, para a configuração de uma categoria de análise. Na realidade, a indagação de Brown e Yale (1983) a respeito do caráter intuitivo da noção de tópico traduz a dificuldade de operar uma categoria de análise no plano empírico do discurso, isto é, na materialidade linguística de textos orais e escritos. A saída alternativa ao intuitivismo que cerca a noção de tópico na perspectiva anglo-saxônica do discurso é fixar parâmetros analíticos na *relevância* daquilo que é falado num determinado ponto discursivo.

Por outro lado, a abordagem de Maynard (1980) enfoca a função que o tópico tem na interação, ou seja, no caráter interativo que o tópico exerce para a organização do discurso, sobretudo, em interações orais. O contraste perceptível na definição da noção de tópico demonstra uma tensão entre a forma que o tópico tem (a partir de qual critério é delimitado) e sua função (o papel que essa categoria exerce). A tensão entre essas duas faces da noção de tópico discursivo é atenuada de maneira satisfatória para fins teórico-analíticos a partir da integração da forma e da função do tópico: o enfoque textual-interativo.

Os estudos brasileiros realizados no âmbito do Projeto da Gramática do Português Falado (PGPF), projeto resultante de um grande empreendimento que congregou pesquisadores renomados para a elaboração de uma gramática de referência do português falado no Brasil, agregam à noção de tópico o viés de uma categoria textual-interativa. Dessa forma, a noção de tópico passa a ter um caráter eminentemente discursivo, pois manifesta-se, na conversa, por meio de “enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num

determinado momento da construção partilhada da interação oral” (KOCH; URBANO; JUBRAN, 1992, p. 386).

No âmbito da perspectiva textual-interativa, é fundamental que o produto linguístico seja abordado a partir das marcas que os fatores interacionais imprimem na superfície textual (JUBRAN, 2006a). A abordagem textual-interativa, conforme é desenvolvida nos estudos da PGPF, particularmente na argumentação de Jubran (2006a), apresenta uma tendência em atribuir um maior peso na dimensão textual do que na dimensão interativa para conceituação do tópico como uma categoria analítica. A autora justifica tal posicionamento em função “do estabelecimento de traços que definam uma categoria analítica operacionalizável com alguma segurança e objetividade na identificação de unidades textuais” (2006b, p. 91). Especificamente, o peso interacional do enfoque de tópico discursivo denomina o envolvimento conjunto dos interlocutores na produção de um texto, e não como o fator de demarcação tópica.

A opção de dar maior ênfase ao caráter textual do tópico, isto é, direcionar a análise para as marcas textuais salientes nas situações conversacionais, minimiza o intuitivismo do analista para delimitação dos pontos de formação tópica em textos orais. Esse posicionamento, tal como é defendido por Jubran (2006a), resulta em uma maior segurança metodológica na etapa de análise do nosso *corpus*.

Outra justificativa para ênfase da dimensão textual recai justamente nas propriedades que definem a noção de tópico como uma categoria analítica. São duas as suas propriedades, segundo a autora: *centração e organicidade*.

A propriedade de centração assume um papel fundamental para definição de tópico, pois é por meio dela que é possível identificar na dinamicidade da conversa os referentes textuais mais recorrentes que compõem um conjunto de semelhanças temáticas. Para isso, a propriedade da centração abrange três traços: a *concernência*, a *relevância* e a *pontualização*. A especificidade de cada um dos traços na propriedade da centração é a seguinte:

- a) *concernência*: relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específicos de referentes (objetos-de-discurso);
- b) *relevância*: proeminência desse conjunto decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) *pontualização*: localização desse conjunto, tido como focal em determinado momento do texto falado (JUBRAN, 2006b, p. 92). – [ênfase adicionada]

Os traços da propriedade de centração visam a delinear o tópico em sua materialidade textual, ou seja, apreender o conjunto de referentes dispostos na superfície do texto que apresentem entre si uma dada simetria temática. A propriedade de centração e seus traços são os instrumentos que permitem identificar com maior clareza (de forma menos intuitiva) o tema ou o assunto que emerge nos textos orais, estando relacionada à dimensão textual do enfoque textual-interativo da noção de tópico discursivo. Jubran (2006b) salienta que a *concernência* e a *relevância* são os traços imprescindíveis para precisar a centração tópica, enquanto a *pontualização* é o traço que permite localizar os limites de um segmento tópico num determinado momento da conversa.

Já a segunda propriedade da noção de tópico, a *organicidade*, diz respeito às relações de dependência tanto no plano intratópico, quanto no plano intertópico. É a propriedade de *organicidade* que permite estabelecer a abrangência dos tópicos. A *organicidade* abrange o:

- a) plano hierárquico conforme as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto;
- b) no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso (JUBRAN, 2006b, p.94).

O plano hierárquico configura uma relação de ordenação dos tópicos, uma relação vertical em que um tópico maior se ramifica em tópicos menores em função da abrangência referencial e temática. A organização hierárquica é o que permite ao analista formar os “quadros tópicos” (QT). As condições necessárias para a elaboração de um QT, segundo a autora, são: “a centração mais abrangente e focal de um tópico (supertópico – ST), numa porção maior do texto; a divisão desse ST em tópicos coconstituintes (subtópicos – SbT)” (JUBRAN, 2006b, p. 96). A respeito da relação de interdependência tópica no nível vertical, a autora menciona que, no âmbito das pesquisas do Grupo da PGPF, foi enfatizado, inicialmente, que a organização dos tópicos ocorria por meio de relações intertópicas, porém, tal constatação foi revista em análises posteriores.

A organização tópica também ocorre num plano linear, pois “os segmentos tópicos, tomados individualmente, deixam transparecer uma estruturação interna, através de marcas constatadas no início, meio e fim dos segmentos” (KOCH; URBANO; JUBRAN, 1992, p. 392). As marcas de estruturação internas indicam a organização intratópica, isto é, o plano linear da organicidade. As relações entre os tópicos na linearidade discursiva ocorrem por meio de dois fenômenos: a *continuidade* e a *descontinuidade*. A continuidade decorre da organização sequencial dos tópicos – quando a abertura de um tópico ocorre após o fechamento de outro. No outro extremo, a descontinuidade ocorre em três casos: (i) pela suspensão definitiva de um tópico, quando a inserção de um novo tópico implica no encerramento de um tópico antecedente; (ii) pela cisão de tópico em partes que se apresentam de forma não-adjacente; (iii) pela expansão posterior de um tópico apenas anunciado anteriormente (JUBRAN, 2006b). Os mecanismos da organização intratópica manifestam-se em algumas estratégias de construção textual.

## 2. As práticas conversacionais do Centro de Convivência de Afásicos

O fragmento do episódio conversacional que analisamos neste trabalho é parte do acervo de dados linguísticos-interacionais do Grupo de Pesquisa “Cognição, Interação e Significação<sup>1</sup>” (COGITES). Esse acervo consiste em gravações em meio áudio visual das interações ocorridas no Centro de Convivência de Afásicos, o CCA. Atualmente, o acervo conta com cerca de 450 horas de interação gravadas em vídeo, 350 horas digitalizadas e 200 horas transcritas.

O CCA foi concebido como um espaço de interação para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre os sujeitos afásicos e não afásicos a fim de contribuir para o maior entendimento da condição de afásico, e oferecer alternativas para a reintegração social desse sujeito pela convivência e enfrentamento mútuo das inúmeras dificuldades que a afasia implica. Além disso, o CCA também é um espaço de pesquisa e de docência onde pesquisadores e alunos de pós-graduação desenvolvem pesquisas que abrangem a complexa

---

<sup>1</sup> O grupo de pesquisa COGITES – Cognição, Interação e Significação – que reúne pesquisadores de diferentes formações, dedica-se ao estudo das relações entre linguagem e cognição por meio da descrição e análise de práticas discursivas, em especial as que envolvem indivíduos com afasia e com Doença de Alzheimer. Disponível em: <<http://cogites.iel.unicamp.br>>.



relação entre os aspectos sociais e interativos que envolvem linguagem, cérebro, cognição. Os sujeitos afásicos que frequentam o CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia, onde recebem todo o tipo de assistência clínica necessária. Os não afásicos que integram o CCA são amigos, familiares e pesquisadores, sendo que estes últimos desenvolvem seus trabalhos no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (MORATO *et al.*, 2002).

Os encontros desse grupo do CCA acontecem semanalmente, às quintas-feiras, em um prédio especialmente adaptado para tal finalidade, situado nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). As atividades do grupo são iniciadas, geralmente, às nove horas, estendendo-se até aproximadamente o meio dia, desdobrando-se em duas partes principais, mediadas por uma pausa para o café preparado coletivamente: o Programa de Expressão Teatral e o Programa de Linguagem. O fragmento que analisamos no presente trabalho é proveniente do Programa de Linguagem.

As atividades do Programa de Linguagem procuram explorar os diversos gêneros e eventos que constituem o uso da linguagem no cotidiano, tais como: diálogos, comentários, narrativas, a exposição e a discussão de notícias de jornais e revistas, as discussões sobre temas sociais e culturais diversos (principalmente de produções culturais como filmes, peças de teatro, e obras literárias), comentários sobre o noticiário e a vida política do país, assim como relatos da vida cotidiana e familiar dos membros do grupo. Em outras palavras, tais atividades constituem um espaço marcado por um conjunto de rituais sociais, pelo fortalecimento dos quadros interativos, nos quais os sujeitos podem enfrentar suas dificuldades linguístico-cognitivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem (CAMERIN, 2005).

## 2.1. Procedimentos metodológicos

O enfoque textual-interativo será utilizado em nossas análises para contemplar os fenômenos relacionados ao tópico discursivo. A opção pela noção de tópico discursivo, tomado a partir do enfoque textual-interativo, é justificada pela colaboração entre os interlocutores na interação oral; o partilhar de conhecimento entre ambos e o esforço e a disposição para produzir inferências e negociar os sentidos (KOCH & PENNA, 2006).

As atividades do Programa de Linguagem configuram-se como um evento interativo reunião. O evento interativo reunião pressupõe o direcionamento das atividades por um dos integrantes e a existência de uma pauta que organiza a ação. Durante o desenvolvimento do evento interativo “reunião”, observamos a emergência de dois diferentes e recorrentes enquadres interativos. O conceito de enquadre interativo refere-se à percepção de qual tipo de situação interativa ocorre durante a conversa, de qual sentido os falantes estão negociando conjuntamente. “Dado que esse sentido é percebido a partir da maneira como os participantes se comportam na interação, os enquadres emergem das interações verbais e não verbais e são por elas constituídos” (TANNEN E WALLAT, 1987/2002, p. 188-89).

Os participantes de uma interação, como, por exemplo, uma “reunião do CCA”, são capazes de perceber as alterações nas estruturas de participação que provocam a emergência de novos enquadres durante a interação. A consequência da emergência desses novos enquadres interativos é a modificação da dinâmica dos turnos e das formas de desenvolvimento do tópico.

As formas de desenvolvimento do tópico dizem respeito a quem o instaura e os conduz mediante a estrutura de participação vigente. Esses dois fatores estão atrelados ao tipo de

enquadre interativo que se estabelece durante a reunião. A emergência dos enquadres e a alteração na estrutura de participação e na forma de desenvolvimento do tópico afetam sensivelmente o engajamento dos sujeitos afásicos na atividade, e também a negociação em torno do empreendimento comum do grupo. O dado analisado é proveniente do enquadre *Discussão*.

A principal característica do enquadre *Discussão* é a regularidade do desenvolvimento interacional proporcionada pelo direcionamento claro dado pelas pesquisadoras, direcionamento este que pode ser percebido pelos tipos recorrentes de ações praticadas por elas: a introdução de um tema previamente selecionado, seguido de esclarecimentos didáticos sobre o tema para aqueles participantes que não o conhecem muito claramente e a condução da discussão por meio da distribuição de turnos.

Vale também ressaltar outro recurso compartilhado que tem grande relevância na estruturação das interações: o conhecimento prévio sobre as estruturas de participação do enquadre *Discussão*. Em função de uma rotina interativa já consolidada, existe um conhecimento implícito das formas de agir que os enquadres interativos demandam. Os sujeitos reconhecem que a estrutura do enquadre *Discussão* requer que suas ações, principalmente o direito à palavra e as formas de obtê-la, sejam organizadas a fim de permitir a exposição dos argumentos e o posicionamento frente ao tema.

O recorte dos dados analisados foi realizado a partir do segmento tópico e das formas de participação que determinam esse enquadre interativo. Optamos por uma análise qualitativa que nos permitisse ter uma compreensão mais refinada da configuração interativa e conversacional sob a ótica do desenvolvimento tópico.

O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações já utilizadas nos estudos do projeto NURC e marcações propostas por Marcuschi (1998) para a análise de interações orais, acrescidas de alguns elementos que salientam aspectos importantes para a análise das situações interativas, envolvendo indivíduos afásicos, como a presença de semioses não-verbais (aspectos proxêmicos, expressão facial, atitudes corporais, gestualidade, direcionamento do olhar, *etc.*), fundamentais para a compreensão da dinâmica interativa das atividades do CCA. Para garantir a melhor visualização e compreensão dos dados, adotamos alguns procedimentos que valem ser aqui ressaltados:

- a) a identificação dos participantes do CCA é feita a partir das iniciais do nome e do sobrenome;
- b) o texto da transcrição é apresentado em sistema ortográfico modificado; em alguns casos, torna-se necessária a transcrição fonética;
- c) no caso de locução, são usadas as iniciais em letras maiúsculas dos sujeitos; quando se trata de suas condutas não-verbais ou de significação não-verbal, a descrição de tais aspectos segue entre parênteses.

## 2.2 O perfil dos sujeitos afásicos

### MG

MG é uma senhora brasileira, nascida em abril de 1948, destra, solteira. Em 31/12/1999, sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda,

revelando sequelas de Acidentes Vasculares Cerebrais isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVC isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporo-parietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia<sup>2</sup> à direita e apraxia oro-facial, diagnosticadas no Hospital de Clínicas da UNICAMP.

Em sua linguagem, observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias<sup>3</sup> (fonológicas em especial). Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é, inicialmente, laboriosa, com perseveração e produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). Embora proceda a operações epilinguísticas, como correções e reformulações, por vezes MG demonstrou dificuldades de proceder, no início de seu quadro afásico, a processos inferenciais.

Durante as atividades do CCA, não são raras as ocasiões em que MG introduz o tópico da discussão. Ela sempre opina sobre temas polêmicos que integram a pauta das reuniões, como também são comuns seus relatos sobre viagens realizadas ao litoral com a família ou mesmo sozinha. Para conseguir completar o turno conversacional, MG produz alongamentos vocálicos que, muitas vezes, servem para contornar sua dificuldade de acesso lexical e atuar no fluxo e na coesão enunciativa. A senhora MG integra o CCA desde 2001.

## JM

JM é um senhor brasileiro, destro, casado, nascido em março de 1933 na cidade de São Paulo (SP). Em 17/11/2000, JM foi acometido por um Acidente Vascular Cerebral (AVC) à esquerda, apresentando dificuldade na fala e alteração do movimento do lado esquerdo do rosto. De acordo com o exame neurológico realizado no Hospital de Clínicas da UNICAMP em 23/09/2002, JM apresentou inicialmente um quadro de afasia semântica. Também apresenta dificuldades fono-articulatórias, produzindo parafasias fonológicas e semânticas, embora consiga comunicar-se de forma razoavelmente satisfatória. JM demonstra estar integrado aos acontecimentos e fatos noticiados pela imprensa. Sempre participa das discussões, agregando novas informações sobre os tópicos debatidos nas atividades de linguagem. Residindo em São Paulo, sua frequência no CCA não é muito constante. O senhor JM participa do CCA desde 2001.

## MN

MN é uma senhora portuguesa, destra, dona de casa, nascida em setembro de 1927. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo em seguida encaminhada para o Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (*Word-finding-difficulty*) e produção de parafasias semânticas.

Assídua e engajada nas reuniões do grupo, MN, contudo, expressa, sempre que possível, um grande descontentamento em relação a sua condição de afásica, sendo comuns seus lamentos e reclamações frente às limitações diárias impostas pela afasia. No entanto, apesar de demonstrar tal descontentamento, MN participa das atividades de forma engajada,

---

<sup>2</sup> Perda da força muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente o lado contrário ao do local da lesão cerebral (Rapp, 2001).

<sup>3</sup> Parafasia, basicamente, diz respeito à substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por uma outra ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de semelhança entre o som ou palavra pretendidos e os efetivamente realizados (Raap, 2011).



realizando sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações em relação ao que se discute ou planeja. Integra o CCA desde 2002.

## NS

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, dona de casa, nascida em dezembro de 1959, Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico realizado, NS apresentou um quadro de afasia transcortical motor decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à direita. NS, além de afasia, apresenta um leve déficit motor à direita.

Em termos neurolinguísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, dificuldade de seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

A principal característica de NS, bastante falante e comunicativa no CCA, é a sua espontaneidade. Ela sempre participa das atividades, demonstrando de forma clara sua percepção a respeito de fatos, acontecimentos que se tornam tópico das discussões. NS tem fortes vínculos com a família, especialmente com uma das filhas e um dos netos que moram perto de sua casa. Frequentemente, NS produz narrativas sobre o cotidiano de sua família. Em função do seu quadro afásico, ela suprime palavras funcionais, principalmente flexões verbais, pronomes e conjunções, realizando repetições e pausas preenchidas para garantir a coesão em suas narrativas.

NS participa do desenvolvimento do tópico e realiza sobreposições ao turno de outros participantes, especialmente nas ocasiões em que tem alguma dúvida sobre o tema discutido ou que quer apresentar sua opinião. A senhora NS integra o CCA desde 2001.

## SI

SI, nascida em novembro de 1940, é uma senhora nissei (paulista), casada e mãe de quatro filhos. SI sofreu um AVC hemorrágico em 1988. Na avaliação neuropsicológica inicial, realizada no Hospital de Clínicas da UNICAMP. Após o evento neurológico, SI apresentou discreta hemiparesia à direita, afasia semântica e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, apraxia<sup>4</sup> buco-facial.

Dentre os participantes afásicos do CCA, SI é a integrante que menos realiza sobreposições de turnos. Ela raramente toma iniciativa de participar das discussões ou de introduzir tópicos ou de se posicionar nos debates. Sua participação nas atividades de linguagem ocorre na maioria das vezes quando é interpelada diretamente pelos pesquisadores. SI, ao tomar a palavra, realiza construções lexicais curtas ou monossilábicas em um baixo volume de voz. Frequentemente, tem dificuldade de acesso lexical e seu turno é completado por outros afásicos.

Na concepção de SI, o CCA, no que é bastante assídua e receptiva, tem um caráter parecido com a experiência “escolar” por interagir com colegas e desenvolver atividades que raramente experimenta em sua vida doméstica (ler, discutir assuntos variados, opinar, comentar, etc.). A senhora SI frequenta o CCA desde 1990.

---

<sup>4</sup> Apraxia é geralmente definida em termos clínicos como perturbação dos movimentos prosposicionais e da agilidade motora adquirida, que não pode ser atribuída a um problema motor primário ou a um déficit de compreensão (Rapp, 2001).

## SP

SP é um senhor nascido em março de 1933, de origem italiana, que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França, tendo se naturalizado francês. Aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (afetando a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou com uma afasia expressiva e com uma hemiplegia<sup>5</sup> à direita, diagnosticadas no Hospital de Clínicas da UNICAMP. Sofreu novo AVC cerca de 30 anos depois, o que agravou seu quadro afásico.

De acordo com os dados obtidos em entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora os pais fossem italianos. Passou a praticar o português aos 20 anos, quando veio para o Brasil junto com a família, apesar de já ter tido contato com a língua portuguesa por influência de seu pai, que morara por algum tempo no país. Ainda que após o AVC SP tenha recuperado parcialmente sua capacidade de expressão e compreensão do francês, e ainda que seja o francês a sua “língua do pensamento”, é o português a língua por meio da qual ele mais se comunica (com esposa, amigos e outros integrantes do CCA).

Quando fala o português, a afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras ou expressivas: dificuldades de evocação, hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações<sup>6</sup> e parafasias verbais e fonológicas, *etc.* No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais perceptível, observa-se a presença do mesmo conjunto de características semiológicas.

Nas interações do CCA, SP participa ativamente das discussões do grupo, verbal e gestualmente, opinando sobre os fatos debatidos. Frequentemente, realiza sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Os recursos mais utilizados por ele para compensar o seu déficit linguístico incluem o uso de gestos de natureza indexical e vocalizações que servem para contornar as dificuldades de processamento lexical. SP demonstra ter uma grande integração com os outros participantes e é membro assíduo do CCA desde 1992.

### 3. O episódio conversacional

Data: 25/03/2004

Sujeitos afásicos presentes: MG, JM, MN, NS, SI e SP.

Sujeitos não afásicos: EM, ET, FC e HM.

No encontro de 25/03/2004, o tema da reunião do CCA foi a questão, muito polêmica na época, da quebra de um contrato publicitário que envolvia o sambista Zeca Pagodinho e duas famosas marcas de cerveja. Esse acontecimento teve repercussão nacional pelo fato de que uma das marcas de cerveja ofereceu uma grande quantia de dinheiro para que o sambista imediatamente deixasse de fazer a propaganda da concorrência, além de arcar com o ônus da rescisão contratual.

Durante o episódio que envolveu o sambista e as marcas de cerveja, ocorreu um amplo debate veiculado nos meios de comunicação de massa a respeito da conduta do cantor. A questão que foi debatida forneceu duas posições argumentativas. De um lado, houve um

---

<sup>5</sup> Paralisia muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente o lado contrário ao do local da lesão cerebral (Rapp, 2001).

<sup>6</sup> Tendência de repetir o mesmo enunciado verbal em resposta aos diferentes estímulos.

posicionamento da mídia que questionou os valores éticos e morais envolvidos no estabelecimento e violação do contrato publicitário de Zeca Pagodinho. Por outro lado, existiam opiniões veiculadas em jornais e revistas que eram favoráveis à atitude do cantor, pelo fato de que o rompimento do contrato caracterizou uma estratégia comercial ousada e lucrativa para uma das marcas de cerveja e também para o próprio sambista.

Nesse encontro, os integrantes do grupo, após os cumprimentos habituais e os preparativos do café, iniciam as atividades do Programa de Linguagem com o relato da pesquisadora EM a respeito de uma reportagem, lida por ela, que tratava da questão da quebra de contrato do sambista com a marca de cerveja. O relato da pesquisadora era na realidade uma indagação aos integrantes do grupo, visando saber se eles tinham conhecimento deste fato e, dessa forma, permitir o engajamento do grupo na conversa. Ao mesmo tempo em que a pesquisadora EM faz essa indagação, ela já instaura o tópico da interação que demanda um posicionamento dos integrantes a respeito da questão da quebra de contrato, e, conseqüentemente, o programa de linguagem adquire características e contornos claros de um debate.

O enquadre *Discussão* requer uma participação ativa na interação, ao exigir que os participantes tomem uma posição argumentativa em relação ao tema da pauta proposta pela pesquisadora. As ações desenvolvidas no debate estão atreladas a sua estruturação, isto é, à regularidade no sistema de trocas de turnos, que caracteriza a estrutura de participação do enquadre, e à simetria do desenvolvimento do tópico. Procuraremos mostrar aqui como as estruturas deste enquadre forjam os desdobramentos do tópicos.

- 1 EM: ... fiquei sabendo...achei uma coisa muito importante...então vocês viram propaganda na televisão...propaganda na televisão..pois é  
2 MG: [vimos  
3 JM: a é...da Ambev né  
4 EM:...da Ambev...fui cortar meu cabelo e li numa porção de revista falando bem e falando mal do Zeca Pagodinho ((todos se manifestam))...ele fez uma propaganda  
5 JM: (SI)  
6 EM: eu (SI) ((risos de todos, nesse momento o áudio é prejudicado))...quando a gente vai no cabeleireiro a gente fica olhando revistas tipo Caras...e ouvindo todas lá né...e aí fala ô gente...o Zeca Pagodinho...conhece ele seu S?  
7 SP: [(não)  
8 MG: conheço  
9 EM...um sambista brasileiro...conhece né dona N...era...ele um notório bebedor da cerveja Brahma e fez  
10 MN: [conheço  
11 EM: propaganda falando bem...e recomendado né...uma outra cerveja que não Brahma a...como chama?  
12 JM: Schincariol  
13 EM...é da Schincariol chamada Nova Schin...ele tinha um contrato com essa Nova Schin que dizia que ele tinha que beber publicamente essa cerveja Nova Schin...fazer a propaganda na televisão...e que acontece...ele rompeu esse contrato...e começou a fazer propaganda da cerveja...a outra...a Brahma..por três dizem....por três milhões  
14 JM: [a:::o contrato

Segmento 1: (1-14) – Instauração do tópico.

No segmento 1-14, temos, basicamente, a introdução do tópico do debate, que, conforme veremos nos segmentos abaixo, desencadeia um debate acerca de valores éticos e morais envolvidos na questão noticiada pela revista que EM menciona (linhas 1 e 4). Na linha

2, a participante afásica MG reconhece prontamente a questão relatada por EM, sem ser diretamente interpelada na introdução do tópico. A posição de interesse de MG pelo debate que o tópico introduzido por EM suscita manifesta-se de forma bem visível no decorrer do encontro. Um dos primeiros sinais do engajamento de MG ao debate pode ser visto em seu primeiro turno, transcrito na linha 2.

Assim que EM introduz o tópico da interação, representado pelo sintagma nominal “propaganda de televisão”, MG insere seu turno durante uma micro-pausa no turno de EM, porém sem tomá-lo (linha 2). Dessa forma, MG reconhece o local mais propício para a sua inserção de turno, que não chega a ser uma sobreposição. O turno inserido por EM instaura o tópico que dá origem às estruturas de participação demandadas pelo enquadre interativo *Discussão*. Nesse tipo de turno, devem ser evitadas sobreposições que causem rupturas (o de instauração do tópico). Na linha 3, JM reconhece e realiza a complementação do conteúdo semântico instaurado do tópico instaurado por EM.

Na linha 4, EM detalha qual é a questão da polêmica relacionada ao sambista, de acordo com o que ela havia lido na revista. Esse turno de EM é a integração de um conjunto referencial lançado anteriormente (na linha 1). É possível perceber na linha 4, quando após dizer o nome do sambista envolvido na polêmica (Zeca Pagodinho), todos os participantes manifestam-se simultaneamente. O turno da linha 4 apresenta os enunciados que são concernentes ao conjunto de referentes que foram introduzidos anteriormente na conversa, ou seja, neste turno ocorre a integração de segmentos textuais que exemplificam os referentes enunciados na linha 1.

É a partir deste momento que efetivamente é possível perceber o engajamento à discussão, que, no caso, se traduz em debater os valores morais envolvidos no episódio da quebra de contrato. Em outras palavras, este é o momento em que a atividade do programa de linguagem é decidida, e o tópico é instaurado. Essa função, aqui, é desempenhada por um integrante não afásico. É frequente que EM inicie as atividades do programa, instaure o tópico e comece a distribuir os turnos por meio de perguntas, o que gera, muitas vezes, uma dinâmica de turnos baseada na estrutura de pares adjacentes. Isso pode ser explicado em função da categorização social dos participantes na estrutura social do grupo.

Apesar de os sujeitos afásicos demonstrarem autonomia para manipular os turnos e agir no desenvolvimento do tópico, a função de gerenciar as atividades do programa, ou seja, conduzir o encontro, instaurar o tópico e distribuir e manter a dinâmica de turnos, cabe, em geral, aos participantes que são pesquisadores ligados à instituição, não afásicos. Vale ressaltar que devemos considerar em nossos dados os papéis sociais dos membros do CCA, o que, sem dúvidas, influencia diretamente as interações, especificamente na gestão do tópico. Isso pode ser explicado pelo *status* institucional do CCA, ou seja, a ligação hierárquica do centro de convivência com a Universidade Estadual de Campinas.

Ainda no momento de instauração do tópico, após as inserções de turnos de MG e JM, a pesquisadora EM continua a relatar a maneira como teve conhecimento do episódio da quebra de contrato (linha 6). Ao fazer tal relato, EM realiza também algumas distribuições de turnos, com perguntas diretas a determinados participantes, como podemos observar no segmento (linhas 6-10). Isso fica evidente nas linhas 9 e 10, quando EM indaga diretamente MN, que responde logo após uma micro-pausa no turno de EM.

MG e JM demonstram ter conhecimento prévio acerca do tópico, e, assim, inserem seus turnos, os demais participantes ainda não fazem inserções de turnos. Para estender o tópico a todos os integrantes, EM adota a estratégia de dirigir alguns turnos para assegurar tanto a participação de todos, pois o desenvolvimento do tópico ocorre em função de um processo que envolve colaborativamente os participantes da interação. Esse processo é baseado numa

gama de fatores contextuais e de *background* de informações prévias e de visões de mundo que são entendidos ou compartilhados durante o ato conversacional (JUBRAN, 2006a).

A respeito das inserções de turnos de MG e JM, devemos salientar que elas ocorrem de uma forma mais autônoma e que obedece ao fluxo do desenvolvimento do tópico. Essa autonomia, que pode ser percebida nas inserções de turno, ocorre, parcialmente, em função do tempo de participação no grupo e das experiências pessoais por eles vividas antes do episódio que culminou na afasia. Por exemplo, MG era uma dona de agência de viagens e sua rotina profissional demandava situações de uso da linguagem em que era requerido o conhecimento do funcionamento das regras da conversa de antecipar ou esclarecer informações que surgem durante o fluxo do tópico. JM era comerciante e tinha uma rotina de práticas conversacionais semelhantes à rotina de MG. Conforme argumenta Hanks (1996), esses são os aspectos estruturados das práticas, que os sujeitos trazem a partir de experiências prévias, e que moldam significativamente suas ações que emergem em novas práticas comunicativas.

Tais conhecimentos das particularidades da conversa (seja em relação à forma de transição de turnos ou às formas de desenvolvimento tópico) não deixam de transparecer nas interações de MG e JM. Pelo fato de conhecerem tais particularidades e colocá-las em prática (conforme nos mostra o segmento 1-4), seus papéis sociais dentro do CCA são construídos a partir disso. Em outras palavras, a imagem que MG e JM projetam para o grupo é de participantes ativos que emitem opiniões próprias a respeito de diversas polêmicas. O reconhecimento destas imagens que são construídas antes e depois do ingresso no CCA e constantemente exibidas e reestruturadas nas atividades do programa de linguagem exercem influências diretas na forma em que os participantes aderem à interação e, conseqüentemente, nas formas de desenvolvimento tópico.

15 EM: então ele fez uma...ele quebrou o contrato e aí o povo começou a cair em cima dele...dizendo assim que ele tinha traído o contrato dele.. e dizia assim....ele se fazendo de coitado também...vocês viram isso...e na televisão ele cantando um samba dizendo assim olha né...depois que ele rompeu com essa cerveja Nova Schin...diz assim olha...a mesma coisa de você ter aí um amor de verão né...a gente tem um amor de verão e depois volta para o amor antigo...e é a mesma coisa que aconteceu comigo...voltei para a Brahma...com três milhões de dólares ((risos)) e aí tá uma

16 HM:

[mais aí é lá que ele faz pagode

17 EM:...encontrei alguns amigos assim homens que tão com essa coisa na cabeça...não sei se é por que ele ganhou três milhões de dólares ((risos))

18 ET: [e vai continuar tomando Brahma

((todos riem e falam ao mesmo tempo))

19 FC: mais aí tem uma outra propaganda da Nova Schin que com... ficou com muita raiva que o Zeca Pagodinho fez isso

20 EM: ah é e aí

21 FC: e aí propaganda da Nova Schin é assim...tem um cara..tem dois caras numa mesa de bar conversando...e o cara atrás que é a cara do Zeca Pagodinho

22 EM: [um sócia

23 FC...isso...A CARA

24 EM: [o ator que faz (SI) ((risos))

25 FC:...do Zeca Pagodinho...e o cara tá sentado atrás....e os dois estão conversando e aí um fala assim pro outro... mas ó...fala aí por um milhão de dó/um milhão de reais você fazia ou não fazia propaganda pra outra ((risos dos outros integrantes))...aí o cara fala eu não fazia não...e por dois milhões...não fazia não troco minha cerveja por nada...e por três milhões...bom pera aí ((risos))...pensando bem...aí o outro bate no cara que é igual ao Zeca Pagodinho...a:::por três milhões vale a pena

Segmento 2: (15-25) – Especificação das questões geradas pelo tópico.



Para que ocorra um debate frutífero, é necessário que haja subsídios concretos para os participantes embasarem seus argumentos e contribuírem para que a questão do debate seja expandida, e, conseqüentemente, que o tópico seja desenvolvido. O segmento 15-25 apresenta a pontualização do tópico instaurado por EM no início da atividade do programa de linguagem (linha 4: EM:...da Ambev...fui cortar meu cabelo e li numa porção de revista falando bem e falando mal do Zeca Pagodinho ((todos se manifestam))...ele fez uma propaganda).

O segmento acima apresenta focalização, proeminência desse conjunto referencial no curso da interação. Ainda é possível observar que esse segmento traz vários turnos elaborados apenas pelas pesquisadoras que servem para especificar ainda mais detalhes do tópico (a descrição do episódio da quebra de contrato, a repercussão do fato e o valor monetário pago ao sambista para fazer o anúncio da outra marca de cerveja). Os turnos deste segmento são longos e simétricos, sobrepostos por turnos inseridos fora de micro pausas, mas que são nucleares (de acordo com a tipologia sugerida por Galembeck, 1997) por trazerem elementos referenciais que contribuem para o desenvolvimento do tópico.

Em termos de análise das funções desempenhadas por sujeitos afásicos e não afásicos no intercâmbio da manipulação das estruturas conversacionais, é possível observar, nesse dado, que as funções de definição ou de centração tópica ficam, de maneira predominante, a cargo de integrantes não afásicos. Isso ocorre, fundamentalmente, pelo fato de que são as pesquisadoras que definem a pauta do encontro, ou seja, definem que tipo de atividade será desenvolvido, e, dessa forma, fica delineado o enquadre interativo do encontro.

26 MG: é::: foi (três milhões)

27 EM: três milhões...a gente fica apaixonado né

28 MG: é fica

29 HM: três milhões

30 MG: (fez muito primeiro)..fez muito bem

31 EM: você acha?

32 MG: fez muito bem

33 EM: por que a Nova Schin tá dizendo que ele não foi ético...porque ele quebrou o contrato sem avisar sem nada

34 MG: a::: i:::

\*---→\* ((gesticula os braços, indicando descaso))

35 EM: é... você acha que a coisa era comercial...não tem nenhum governo moral aí?

36 MG:

[eu também acho

37 HM: você acha?

38 MG: eu acho

39 EM: e aí seu M?

40 JM:a::a associação de cer-vejas...com todas as...cer-vejarias do mundo...só...vai levantar...em...euros do país

41 EM:

[sei

42 EM: que Brahma agora então ...é uma cerveja internacional

43 JM: exatamente (3s) só vai... le...levantar e:::m euros do país...na:::da...do

44 EM: entendi

45 JM: o país... eu...euros NÉ

46 EM: na Europa é euro

47 JM:isso...euros o país

48 FC: ela é holandesa não é...a AmBev?

49 JM: exatamente

50 FC: a Ambev é holandesa

51 EM: e essa Nova Schin é aqui de Itu né...a Schincariol...((EF faz sinal de concordância com a cabeça)) bom...o argumento (em torno) da discussão é esse...será que ele fez bem?

Segmento 3: (26-51) – Discussão das questões.

Após a pesquisadora FC descrever um anúncio publicitário que foi feito pela empresa que foi o pivô da quebra de contrato de relatar a quantia de dinheiro ofertada ao sambista (linha 25), MG dá início ao cerne do debate, ao reiterar o valor mencionado por FC e se posicionar frente ao debate de valores morais que se estabelece pelo desenvolvimento do tópico, ou seja, se o sambista agiu corretamente ao quebrar o contrato por determinada soma de dinheiro (cf. o seguimento 26-31). A transição de turnos nesse segmento ocorre por meio da estrutura de pares adjacentes, sem sobreposições e obedecendo aos LRT (Lugares Relevantes de Transição de Turno), principalmente após sinais prosódicos. Na linha 27, após o marcador conversacional “né”, e na linha 31, pela entonação descendente da interrogação. A estrutura de pares adjacentes favorece uma transição de turnos sem sobreposições, e este contexto para a transição de turnos é reconhecido por MG, pois ela insere seus turnos justamente após as marcas prosódicas mencionadas acima.

Na linha 33, a pesquisadora EM questiona diretamente MG se ela ainda sustenta sua posição argumentativa frente ao embate ético da quebra de contrato. A partir desta linha, é lançada a questão cerne que envolve todo o debate, conforme se observa no enunciado de EM (linha 35: é... você acha que a coisa era comercial...não tem nenhum governo moral aí?). Na sequência, há a reiteração da questão do debate por meio de uma transição de turnos que ainda segue a estrutura de pares adjacentes. Mesmo com as indagações de EM e HM (linhas 35 e 37), MG mantém sua posição. Isto pode ser considerado não só uma mera reiteração da posição moral e argumentativa de MG para esta questão, mas também uma forma de posicionamento de sua imagem perante o grupo. Ao considerarmos que o CCA configura-se como socialmente organizado, o posicionamento de MG, frente ao debate, pode ser não só visto como um exercício de argumentação, mas também como uma exibição (e legitimação) de seu estatuto de participante no grupo, constituído a partir do seu histórico de participação e da heterogeneidade da constituição do CCA.

Após o tópico ser instaurado e a questão do debate ter vindo à tona, EM novamente direciona os turnos, para que outros participantes, além de MG, posicionem-se (linha 39). No entanto, ocorre uma digressão tópica, ou neste caso, outra questão surge frente à questão principal do debate. Após ser indagado por EM para posicionar-se frente à questão principal do debate, JM lança outra questão, que ainda está inserida dentro do referente supertópico, porém, ocorre o surgimento de um subtópico. Ao invés de argumentar a respeito da questão do debate, isto é, se a conduta do sambista é justificada pela soma de dinheiro paga, JM instaura o subtópico “nacionalidade da cervejaria” (linha 40).

A colocação de JM modifica o fluxo do tópico, pois coloca em foco um fato que vai além do debate de valor da questão. Em outras palavras, o subtópico de JM é derivado do supertópico instaurado e debatido principalmente por EM e MG, porém não demanda a estrutura interativa do enquadre debate, que requer um movimento argumentativo. Especificamente no segmento 35-51, há uma mudança no fluxo interativo que influi tanto no desenvolvimento do tópico, quanto nas formas de transição de turnos. O subtópico instituído por JM coloca momentaneamente em foco uma questão que vai além da discussão de valores éticos do supertópico.

É possível observar que, durante a transição dos turnos, o desenvolvimento do subtópico ocorre de forma distinta do padrão de transição observado no supertópico. Enquanto no supertópico é predominante a estrutura de pares adjacentes, com a pesquisadora EM direcionando os turnos, no subtópico, observam-se turnos que são finalizados após turnos antecedentes, sem a ocorrência de sobreposições ou turnos permeados por micro pausas. A exceção é o turno de JM (linha 43), onde há uma pausa de 3 segundos seguida de dois

alongamentos vocálicos. A partir da linha 41 até a linha 49, há turnos assimétricos. A assimetria se caracteriza pelo fato de o desenvolvimento do tópico ficar a cargo de apenas um dos locutores, enquanto o outro apenas “segue”, ou “vigia” seu interlocutor. No segmento acima, os outros participantes, que não são afásicos, inserem turnos que “seguem” o conjunto de referentes lançado por JM na linha 40. Isso pode ser considerado uma mudança no plano intratópico e na dinâmica de turnos.

O que salientamos na análise desse segmento é que o subtópico introduzido e conduzido por JM provoca a emergência de aspectos associados ao tempo real da produção do enunciado e da interação, o que acarreta a capacidade de os interactantes perceberem e prestarem atenção uns aos outros, a emergência pode ser facilmente concebida em níveis temporais diferentes. No caso desse segmento, temos a mudança de um debate entre dois participantes, conduzido pela pesquisadora EM, para um contexto em que há um pano de fundo ou horizonte do qual se distingue e em relação ao qual como um ponto central (HANKS, 2008).

Ainda que aparentemente o CCA apresente uma configuração social definida previamente pelos papéis sociais de seus integrantes, não é possível estabelecer *a priori* quem determina as estruturas interativas ou direciona integralmente as situações conversacionais. Por exemplo, nesse segmento, o subtópico é instaurado por um afásico e os participantes não afásicos passam a colaborar com o seu desenvolvimento. Esse contexto interativo, que ocorre devido ao surgimento do subtópico e da mudança da dinâmica de turno, também demonstra que os papéis interativos são dinâmicos e não estão atrelados totalmente à configuração e aos papéis sociais dos integrantes do CCA.

## Considerações Finais

O papel do tópico, nas interações do CCA, é importante, pois, a partir de sua movimentação, as configurações do enquadre das atividades do CCA são reconhecidas pelos participantes. De maneira colaborativa, o tópico influencia a definição dos enquadres e, conseqüentemente, o fluxo conversacional.

Além disso, o tópico é fator de a conversa ser responsável pela construção partilhada dos sentidos na interação, o que é importante nos dados do CCA devido à sua configuração de um grupo socialmente organizado. Por isso, o tópico é o elemento responsável pelo engajamento dos participantes e pela negociação conjunta do objetivo comum por meio de recursos compartilhados. Levando em conta esses motivos, podemos considerar, no âmbito deste trabalho, que o tópico constitui “o fio condutor da organização discursiva, que constitui um traço fundamental para definir os processos de entrosamento e colaboração entre os falantes na determinação dos núcleos comuns para demonstrar a forma dinâmica pela qual a conversa se estrutura” (MARCUSCHI, 1998, p.14).

Se o tópico é o fio condutor dos processos de negociação dos sentidos, podemos considerar que as práticas conversacionais do CCA organizam-se em torno dos fatores de ordem semântica e pragmática que sustentam o envolvimento da conversa. As práticas conversacionais do CCA estão mais relacionadas ao seu conteúdo semântico e pragmático do que à forma linguística dos enunciados conversacionais.

Como em qualquer outra interação, a progressão tópica (produto do engajamento comum do grupo) ocorre na medida em que os aspectos semânticos e textuais da interação passam a ter sentido para os participantes do grupo. E esse sentido pode ser construído conjuntamente ou pode ser justamente o fator que provoca o pertencimento a um grupo social.

Os dados apresentados neste estudo nos possibilitam observar que não há ausência ou presença incipiente dos processos de desenvolvimento do tópico discursivo. As interações são diferenciadas não no sentido de serem totalmente alteradas ou deturpadas pelas afasias, mas diferenciadas justamente pelo fato de que o CCA é um grupo socialmente organizado em torno de um objetivo singular: ser um espaço de práticas cotidianas de linguagem.

O estudo do fragmento do episódio conversacional revela que os afásicos não perdem a capacidade de reconhecer as especificidades da conversa. Pelo contrário, a análise demonstra que os sujeitos afásicos interagem de forma semelhante aos sujeitos não afásicos em situações conversacionais concretas (que se distanciam dos contextos artificiais de testes de afasia), manipulando de forma satisfatória os turnos conversacionais e contribuindo textual e pragmaticamente para o desenvolvimento do tópico.

Um aspecto que deve ser destacado é o fato de que os sujeitos afásicos estão em situações conversacionais concretas, em um grupo socialmente organizado, cujo objetivo é proporcionar situações práticas do uso de linguagem. Nesse sentido, os diferentes tipos de afasias e os comprometimentos linguísticos não são fatores essencialmente determinantes para o engajamento conversacional. Os participantes afásicos apresentam quadros distintos de comprometimento linguístico. Há, por exemplo, participantes com maiores dificuldades de evocação lexical, de articulação dos movimentos fonético e fonológico e que apresentam parafasias lexicais e semânticas. No entanto, a heterogeneidade dos quadros afásicos não pode ser desconsiderada. É necessário, ainda, considerar o histórico que cada integrante afásico possui no grupo, além de fatores de ordem mais complexa que influem nas interações do CCA, como, por exemplo, a práticas conversacionais anteriores ao episódio neurológico e o grau de letramento desses participantes. Tais fatores não foram investigados de maneira mais incisiva no escopo desse trabalho, no entanto, foram mencionados no perfil dos participantes afásicos.

Por outro lado, é justamente a heterogeneidade dos quadros afásicos que nos permite observar que, mesmo diante dos déficits linguísticos impostos pelas diferentes manifestações e tipos de afasia, a manipulação do tópico discursivo não é totalmente diferente de situações conversacionais em grupo. O fragmento analisado apresenta fenômenos prototípicos e semelhantes de desdobramento do tópico que ocorrem em conversas de sujeitos que não apresentam déficits de linguagem. Essa afirmação pode ser corroborada pela comparação com outros estudos que analisam a conversa e, até mesmo, com as pesquisas realizadas no âmbito do Projeto da Gramática do Português Falado.

Assim, a hipótese de que os afásicos, ao serem inseridos em situações conversacionais concretas, reconhecem as formas de manipulação do tópico e contribuem textual e interacionalmente para o desenvolvimento do tópico, pode ser confirmada por meio de nossa análise. Mesmo diante dos inegáveis déficits linguísticos que as afasias acarretam, os sujeitos afásicos demonstram que o conhecimento das regras da conversa não está destruído ou perdido em decorrência da afecção do sistema linguístico. A resposta para a questão que propomos no início deste trabalho nos indica que afasia não é somente um problema de ordem metalinguística, conforme apontam os estudos afasiológicos mais tradicionais.

Pelo contrário, em nossas análises, é possível evidenciar que os afásicos são capazes de reconhecer a configuração textual-interativa da conversa, manifestada pela movimentação do tópico e pelas formas de participação dos enquadres interativos. E tal observação contraria o pressuposto de que a afasia é essencialmente um problema de metalinguagem e de perda da capacidade de reflexão do uso da linguagem. Portanto, desconsiderar ou dar pouca visibilidade aos aspectos pragmáticos e contextuais envolvidos na organização e

funcionamento do tópico discursivo implica a observação das práticas linguísticas dos afásicos a partir de uma ótica que evidencia seus déficits nos diferentes níveis da linguagem.

### **The handling of the topic of discourse by aphasic subjects in conversational situations**

ABSTRACT: This work aims to analyze a fragment of a conversational episode between aphasic and non-aphasic speakers to demonstrate that aphasic speakers have the ability to recognize and participate in the development of forms of discursive topics during conversation. In order to do so, the theoretical approach of this essay is based on a theoretical-methodological conception of Textual Linguistics, especially the studies concerning the textual-interactive approach. The results of our analysis demonstrate that the aphasic speakers interact in a similar way to non-aphasic ones in real conversational situations, contributing to the development of the discursive topic textually and pragmatically.

Key-words: aphasia, conversation, interaction, topic.

### **Referências**

BROWN. G. & YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CAMERIN, I. P. D. *Discurso cotidiano no CCA/IEL Unicamp*. 2005. 83 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CLARK, H. *Using Language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. O uso da linguagem. In: *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre: Núcleo de Editoração do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. n. 9, p. 49-71, jan./jun. 2000.

GALEMBECK, P. O turno conversacional. In: Preti. D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 3.ed, 1997. p. 88-94.

HANKS, W. *Language and communicative practices*. Boulder: Westview, 1996.

\_\_\_\_\_. O que é contexto? In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C; MACHADO, M. A. R. (Orgs.). *Língua como prática social: das relações entre língua cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008. p.169-201.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954/1981.

JUBRAN, C. C. Revisitando a noção de tópico discursivo. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 48, n.1, p. 33-42, jan./jun. 2006a.

\_\_\_\_\_. O tópico discursivo. In: JUBRAN. C.C.A. & KOCH.I.G.V. (Orgs..). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, v. 1 , 2006b. p. 89-132.



KOCH, I. G. V.; URBANO, H. ; JUBRAN, C. C. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R.(Org.). *Gramática do português falado*. v. 2: Níveis de análise linguística. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, 1992. p.359-439.

\_\_\_\_\_. & PENNA, M.A.O. Construção e Reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 48, n.1, p. 23-31, jan./jun. 2006.

LEBRUN, Y. *Tratado de afasia*. São Paulo: Panamed Editorial, 1981.

LURIA, A. R. *Basic problems of Neurolinguistics*. The Hague: Mouton, 1976.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: EDUSP, 1981.

MARCUSCHI, L. A. *Questões atuais na Análise da Conversação*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 3. Recife: ANPOLL, 1988. p. 319-335.

\_\_\_\_\_. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1998.

MAYNARD, D. *Placement of topic changes in conversation*. In: *Semiotica*.v.30, n.3/4, p. 263-290, jul./dez. 1980.

MORATO. E. M. Neurolinguística. In: MUSSALIM. F & BENTES. A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p.143-170.

\_\_\_\_\_ et al. *Sobre as afasias e os afásicos*. Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Ed. Unicamp, Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_ et al. *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de (CCA-IEL/UNICAMP)*. Processo FAPESP 03/02604-9. Depto. de Linguística – IEL/UNICAMP, 2005. (Relatório de Pesquisa)

RAPP, B. *The Handbook of Cognitive Neuropsychology: what deficits reveal about the human mind*. Philadelphia: Psychology Press, 2001.

TANNEN. D. & WALLAT. C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*, 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. (Originalmente publicado em *Social Psychology Quarterly*, nº 50, 1987).

**Anexo**  
**Sistema de notação – versão 2004**

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>	<b>EXEMPLOS</b>
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(3s)	MS: ã:::ham (3s) centro <i>indica 3 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Sobreposição	[ apontando o local onde ocorre a sobreposição	MG: Nova Iguaçu JM: [ ah
Simultaneidade de vozes	[[ apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[ eu falava.. mas NS: [[ quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...

Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *-----* ((aponta com o dedo))

Fonte: Morato et al., 2005.

Data de envio: 15/05/2013

Data de aprovação: 08/11/2013

Data de publicação: 15/04/2014